

Representação de corpo na velhice: o corpo real versus o corpo social

Body representation in old age: the real body versus the social body

Renato Xavier Coutinho
Renata Venturini Tomazeti
Marco Aurelio de Figueiredo Acosta

RESUMO: Esta pesquisa se baseia na Teoria das Representações Sociais. Devido o culto ao corpo perfeito, belo e jovem que a sociedade vem apresentando, buscou-se analisar de que forma esse culto ao corpo afeta a vida dos idosos. Assim foram entrevistados 21 idosos, com o intuito de verificar de que forma eles compreendem as mudanças em relação ao seu próprio corpo com o passar do tempo e as possíveis relações dessas representações com o gênero.

Palavras-chave: Corpo; Gênero; Velhice.

ABSTRACT: *This research is based on the Theory of Social Representations. Due to the cult of the perfect body, handsome young that society has shown, we sought to examine how this cult of the body affects the lives of the elderly. Thus were made interviews with 21 elderly, in order to verify how they understand the changes in relation to his own body over time and the possible relationship of these representations with the gender.*

Keywords: *Body; Gender; Old age.*

Introdução

A sociedade contemporânea, através da mídia, propõe uma imagem de corpo voltada somente à aparência física, em que o valor da imagem de beleza e juventude tende a ditar modelos estéticos e comportamentais, levando o indivíduo a converter seu corpo num propósito de perfeição, passível de manipulação, um corpo autômato, desvalorizado em sua característica social e suas particularidades.

Esta proposta busca reconhecer o contexto em que esse corpo, idoso hoje e que já foi jovem um dia, seja ele masculino ou feminino, encontra-se dentro de um pensamento de caráter biossocial, atrelado à cultura da juventude e da beleza, para refletir sobre a constituição do corpo idoso, no que tange à sua autonomia, aceitação e criatividade.

Assim, justifica-se este estudo devido à sociedade contemporânea apresentar diversas modificações no que se refere a pensamentos e comportamentos de corpos, idades e gêneros, em uma cultura que cada vez mais preza por um corpo admirável, esculpido nos padrões de beleza e estética, e por se enxergar a velhice somente nos outros; faz-se necessário, então, questionar e analisar a população idosa no que diz respeito a como as pessoas pensam, veem, sentem, agem e vivem em relação a seus corpos na velhice; associam-se questões sociais, culturais, psicológicas, biológicas etc., com o intuito de causar impacto nessa tirania de culto ao corpo perfeito que preza pela beleza da imagem exterior.

O presente estudo, portanto, tem como objetivo analisar as representações de corpo na velhice. E complementarmente, observar possíveis diferenças nas representações entre os gêneros (masculino e feminino).

Corpo belo, velho, masculino e feminino

Há nas sociedades contemporâneas uma intensificação da dimensão estética e da questão da imagem, em que os indivíduos experimentam uma crescente preocupação com a forma dos próprios corpos, originando-se, com isso, vários meios de consumo e comportamento estéticos voltados ao corpo perfeito e ideal. Essa questão atinge também a população idosa que vê na aparência física um indício gritante do envelhecimento, como aponta uma pesquisa realizada por Limoeiro (2012), que diz que os temas mais citados nas respostas estão relacionados às características ou mudanças na aparência que o envelhecimento pode trazer, como a própria

decadência na aparência, que seria a perda das características juvenis. Assim, o processo de envelhecer aparece intimamente ligado às perdas no quesito da beleza.

Entendida como consumo cultural, a prática do culto ao corpo coloca-se hoje como preocupação geral, que atravessa todas as classes sociais e faixas etárias, apoiada num discurso que ora lança mão da questão estética, ora da preocupação com a saúde.

Pensando aqui no corpo como linguagem construída sobre um objeto em movimento, condicionado a um contexto histórico-cultural que envolve tempo, espaço, relações sociais e gênero, observa-se um interdiscurso desenvolvido no imaginário produtivo e receptivo pela associação do real com o ideal.

As diferenças de gênero surgem, na velhice, na forma de intervenção diferenciada nos corpos femininos e masculinos. É sobre o corpo feminino que se tem um investimento médico e estético muito mais acentuado, comparativamente aos homens (Barros, 2006). Busca-se aqui, com a discussão de gênero não só reconhecer e celebrar a diferença, mas também questioná-la, a fim de perceber como ela discursivamente está constituída.

As relações ainda não são de igualdade e harmonia entre os gêneros na velhice. O homem ainda atribui à mulher a responsabilidade do lar, mas muitos valores já estão mudando. O homem está em conflito com o papel que foi construído socialmente para ele, pois as mulheres passaram a exigir um novo comportamento que ainda está em construção por eles. Barros (2006) coloca que a vigilância e esse controle de si são expressos de distintas formas quando ouvimos homens e mulheres de diferentes segmentos sociais falarem de si e de seu lugar nos diferentes espaços sociais, após a aposentadoria.

Os papéis de gêneros são entendidos como uma representação de um personagem, papéis atribuídos historicamente, e que diferem entre as diversas culturas. Podemos modificar no dia a dia aquilo que é esperado dos indivíduos, pois o gênero é algo que está permanentemente em mudança, e todos os nossos atos ajudam a reorganizar as representações sociais de feminino e de masculino.

Assim, segundo Limoeiro (2012), o envelhecimento pode trazer novas preocupações ou a possibilidade de não mais ter este como assunto importante nas suas vidas.

Representações sociais na velhice: corpo e gênero

Esta pesquisa se baseia na Teoria das Representações Sociais (TRS). De acordo com Arruda (2002), a partir dos anos 60, com o aumento do interesse pelos fenômenos do domínio do simbólico, vemos florescer a preocupação com explicações a eles, as quais recorrem às noções de

consciência e de imaginário. As representações implicam e, ao mesmo tempo, constroem saberes sociais. São formas de conhecimento que circulam nas sociedades orientando comportamentos e condutas (Patriota, 2010).

Para Araujo (2008), as representações sociais são formas de conhecimento socialmente construídas pelos integrantes dos grupos para explicar as relações estabelecidas entre eles, com outros grupos e com a natureza. Isso ocorre mediante o caráter coletivo das ideias, histórias e experiências vividas por um grupo social específico, e essa construção vai servir de orientação para a ação social. A função essencial da Representação Social, para aqueles que representam, é tornar aquilo que não é familiar em algo familiar, próximo e prático (Pizzolato, 2008).

Materiais e Métodos

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativo-descritiva (Triviños, 1987), pois pretende descrever e conhecer com precisão os fatos que determinam a realidade dos idosos sobre seus corpos. A pesquisa foi realizada com 21 professores aposentados de Nova Palma e Faxinal do Soturno (RS), sendo 14 mulheres e 7 homens com idades entre 60 e 80 anos. A escolha por esse grupo se justifica pelo fato de apresentarem uma maior vivência cultural e envolvimento social, trazendo para o estudo mais riqueza e aprofundamento das questões propostas. Ela foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Maria, através do parecer n.º 186.406 e CAAE: 09626512.0000.5346.

Primeiramente, foi feito um levantamento, por um dos professores que dispunha dos contatos dos demais idosos. Após verificar quais deles ainda residiam na cidade de Nova Palma, verificou-se um número pequeno de homens; então, se buscou o contato com mais alguns que residiam em Faxinal do Soturno. No decorrer desta etapa, foi realizado o contato por telefone ou pessoalmente, informando os idosos sobre a pesquisa, esclarecendo seus objetivos e os procedimentos a que seriam submetidos, dentre outras informações, deixando livre a participação voluntária. Com isso, chegou-se ao número de 21 participantes.

Depois do primeiro contato foi agendada, com os interessados, uma visita individual em suas residências quando seria realizada a entrevista. Concorrendo em participar do estudo, estes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para obter os resultados da pesquisa, foi feito com a população-alvo uma entrevista individual a partir de um roteiro de cinco questões, duas fechadas, que são: “Seu corpo representa um meio de comunicação?” e “Você teve medo de passar por esse processo de envelhecimento

devido às degenerações físicas?"; e três abertas: "O que você vê e sente quando se olha no espelho?", "O que você pensa sobre a tirania da sociedade moderna que cultua a perfeição e beleza dos corpos masculinos e femininos?" e "Percebe diferença no gênero oposto em relação ao comportamento, pensamento e vivência com o corpo envelhecido? Por quê?".

As respostas foram anotadas pela entrevistadora, lidas, analisadas de acordo com o referencial teórico e o objetivo proposto pela pesquisa, relatadas e discutidas no contexto do trabalho, relacionando-as à literatura para firmar as ideias em sólida argumentação, baseando-se na análise de conteúdo de Bardin (1997).

Tabela 1: Respostas aos questionamentos			
	Questão	Sim	Não
1.	Seu corpo representa um meio de comunicação?	20	01 (mulher)
2.	Você teve medo de passar por esse processo de envelhecimento devido às degenerações físicas?	02 (mulheres)	19
3.	O que você vê e sente quando se olha no espelho?	Visão positiva: 18	Visão negativa: 03 (mulheres)
4.	O que você pensa sobre a tirania da sociedade moderna que cultua a perfeição e beleza dos corpos masculinos e femininos?	Visão positiva: 01 (mulher)	Visão negativa: 20
5.	Percebe diferença no gênero oposto em relação ao comportamento, pensamento e vivência com o corpo envelhecido? Por quê	21	

Resultados e Discussão

Através da teoria das representações sociais, é possível notar a percepção, observação, formação e constatação de ideias e conceitos dos indivíduos. Para os teóricos das representações sociais, essa lógica natural, construída pelo saber leigo, é vista como conhecimento válido e não menos importante ou significativo do que o saber reificado. Só tem relevância, porém, quando construído pelo senso comum (Araújo, 2008).

Segundo Arruda (2002), essa teoria operacionaliza um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade. Ela parte da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes. A noção de campo da representação implica entendê-la como um campo estruturado de significações, saberes e informações (Arruda, 2002). Assim, retrata-se que há diferentes formas de envelhecer, e que estas carregam consigo diferentes representações de corpo, tanto entre gêneros opostos quanto entre os iguais, devido a diferenças sociais e culturais. Na primeira questão fechada, mediante a pergunta: "Seu corpo representa um meio de comunicação?", obtiveram-se 20 respostas positivas e 01 negativa.

Conforme Kofes (1987), multiplicam-se os discursos sobre o corpo: “Corpo, meio pelo qual se atinge a serenidade, o equilíbrio, uma vida mais longa e mais saudável”. “O corpo é o espaço do prazer”. “Corpo sujeito ou objeto”.

Dessa forma, observou-se que, para este grupo de pessoas, o corpo representa um meio de comunicação, porque é através dele que o ser humano impõe seus propósitos perante a sociedade e em suas relações pessoais, o que é a seguir afirmado:

“Falamos muito para as pessoas através do corpo, tanto pelos gestos ou como nos vestimos; isso diz muito de si e interfere em nossas relações.” (Sr.^a E, 80 anos).

“Conforme o vestuário, por exemplo, se tem mais ou menos aceitação pela sociedade, isso reflete bastante e diz muito sobre a pessoa.” (Sr. A, 71 anos).

A imagem passa a reger o valor social, refletindo nas relações, na integração e interação dos indivíduos com a sociedade. De acordo com Blessmann (2004), temos um corpo simbólico que resulta das construções sociais e culturais.

Os sujeitos entrevistados comentam que é por ele que são vistos, analisados, aceitos ou não, e transparecem sua cultura, como o afirmado a seguir:

“O italiano se expressa muito com o corpo, até dizem que falamos com as mãos.” (Sr. E, 60 anos).

Isso é ratificado por Motta (2002), ao dizer que o ‘gestual humano’ atua como postura do corpo e meio de comunicação instantânea, gerando uma forte ação cultural. Também faz transparecer a educação de uma pessoa, sua religião, sua profissão, sua personalidade, seu estado de espírito (humor, ansiedade, nervosismo, tristeza, alegria etc.):

“Se tem dia que não estou bem, as pessoas notam tranquilamente pela minha fisionomia.” (Sr.^a I, 63 anos).

O corpo ilustra o cuidado com a saúde e aparência, ou falta dele, e tudo isso é representado pelo jeito de andar, falar, olhar, se vestir, gesticular, sorrir, se expressar, se portar, agir, pela fisionomia do rosto, pela forma física; enfim, o corpo diz muito do que somos e o que queremos e carrega consigo uma forte influência social, conforme dito por Kofes (1989): os corpos expressam o que a sociedade nos corpos escreve.

A posição do ser humano na sociedade é firmada pelas marcas de seu corpo; nele elas se tornam visíveis: ser baixo ou alto, negro ou loiro, magro ou gordo, deficiente, masculino ou

feminino, idade, cultura, tradições, e classe social (Wagner, 2009). Portanto, o que define o corpo é o seu significado, é o que ele mostra de si aos outros sobre sua personalidade; diz respeito à sua capacidade própria, intelectual, criativa e social. O corpo é um acontecimento que se dá além de seus limites físicos.

O envelhecimento, por sua vez, é uma fase da vida que se constrói num processo longo, às vezes amargo e às vezes doce, dependendo de como cada pessoa encara essa fase que é inevitável para todos, ou também de como o ambiente influencia, positiva ou negativamente, esse processo gradativo da vida.

Os grupos sociais partilham regras, ideias e elaboram informações próprias ao longo da sua história e sob o reflexo das diferentes relações que estabelecem. Nesse processo, a identidade de seus membros se constrói, carregando-lhe especificidade (Araújo, 2008).

Assim, as respostas da segunda questão fechada: “Você teve medo de passar por esse processo de envelhecimento devido às degenerações físicas?”, resultou em 02 sim, e 19 não.

Pelas falas analisadas, verificou-se que houve, e ainda há, na vida desse grupo, uma dedicada preparação psicológica para encarar essa fase, por meio de leituras, esclarecimentos de médicos, palestras, convívio e diálogo com pessoas mais velhas e até mesmo passando por momentos difíceis como problemas sérios de saúde:

“Já tive um AVC, o que me fez pensar muito na vida e a fazê-la valer a pena nesta idade mais do que nunca.” (Sr.^a J, 73 anos).

“Minha mãe morou comigo e eu sempre dizia para ela que tinha que aceitar esse processo, são as consequências da vida, assim fui me conscientizando do que eu poderia passar quando chegasse aqui.” (Sr.^a I, 63 anos).

Segundo Debert (1999, como citado em Valério, 2001), a responsabilidade pelo envelhecimento bem-sucedido é do próprio indivíduo, ou seja, se a pessoa se cuidar, envolver-se em atividades motivadoras, aceitar-se, é possível envelhecer sem tanta decadência física, e também de uma intensa ação social em prol desse processo de envelhecimento. Basta, então, aderir a um estilo de vida saudável tanto na parte física quanto na psicológica, como mostra um dos entrevistados:

“Me cuido, sempre fiz atividade física e li muito sobre o assunto, me preparei e tenho orgulho de estar indo para frente, estou vivendo.” (Sr. A, 71 anos).

Com isso, esses idosos foram aprendendo a enfrentar as degenerações de uma forma positiva, levando a velhice como uma etapa da vida em que, apesar de haver limitações, assim como em qualquer outra, conquista-se um valor de existência que ensina a superar qualquer dificuldade

ou medo. Portanto, como afirmam Coutinho *et al.* (2008), não se deve considerar apenas o envelhecimento biológico, mas os aspectos subjetivos e sociais que participam desse processo.

A serenidade ideal para a velhice não deverá ser entendida, então, como uma passividade vazia de sentido, um estar em “suspensão”, “à espera”, mas sim como um estar ativo, apaixonado, porém, à busca de objetos possíveis, que suportem as provas de realidade, e que ofereçam poucas possibilidades de frustração (Goldfarb, 1998).

Os únicos “medos” apontados por alguns deles para o futuro, são da solidão, da dependência e da morte, como expressa duas das senhoras entrevistadas:

“[...] eu quero alguém do meu lado, tenho medo da solidão na velhice.” (Sr.^a M, 61 anos).

“A única coisa que tenho medo é de ficar inválida e depender dos outros.” (Sr.^a J, 73 anos).

Todavia, destacam que já estão trabalhando em cima dessas questões. Para Araújo (2008), interpretar a realidade a partir do seu conhecimento, por permitir que os idosos relacionem esse conhecimento com fatos e situações que já avaliaram, torna-os capazes de conformar novas percepções e formas de agir, quando depararem com novas situações e relações sociais.

Entretanto, os dois entrevistados, que responderam ter medo da solidão, da dependência e da morte, atribuíram esse sentimento ao fato de não se terem preparado o suficiente e achar que esses problemas só aconteciam com os outros. Isso é confirmado por Debert (1999, como citado em Fernandes, 2010), ao dizer que os idosos reconhecem que a velhice existe, mas não é aquilo que está neles, pois “Velho é sempre o outro”. Mas tal se dá, não por sentirem os anos passando, mas por relacionarem a velhice com doença:

“Senti medo de envelhecer, a gente acha que só acontece com os outros, daí quando ela chega vem junto o fantasma da doença [...]” (Sr. E, 60 anos).

Dessa forma, vencer o medo e lutar contra a doença que surgiu em seu corpo leva uma pessoa idosa a aprender a viver diferente, com a aceitação da velhice, não como um sentimento, mas como uma etapa da vida, o que implica em um reposicionamento de seus valores; implica em um voltar-se para dentro de si mesmo (Blessmann, 2004).

Associa-se, à pessoa que envelhece, a ideia de decadência física, psíquica e social, configurando-se aí uma fase de perdas que se sobrepõem a ganhos como sabedoria, experiência e liberdade. A fase do envelhecimento é marcada por muitas mudanças para o sujeito que a vive. Ela

é vista pela sociedade como um momento de declínio, ao apontar os problemas inerentes a este processo. Segundo Blessmann (2004), é na velhice que se concentra o momento mais dramático de mudança de imagem corporal, porque é difícil aceitar uma imagem envelhecida em uma sociedade que tem como referência a beleza da juventude.

Devido a essa representação imposta pela sociedade, foi feito para os idosos a seguinte pergunta: “O que você vê e sente quando se olha no espelho?”.

Todos responderam que enxergam a velhice e suas marcas, como as rugas, o cabelo e bigode brancos, a pele flácida, as manchas; enfim, as decadências e transformações causadas pelo passar dos anos são vistas e sentidas, mas não são capazes de abalar, nem de derrubar aqueles que se orgulham tanto de viver a velhice:

“Noto os sinais, as rugas, o cabelo branco, enfim, as marcas que fazem parte dessa fase. Sinto-me bem, não me lamento por estar ficando velho, isso é natural do ser humano. [...] me cuido para me manter em atividade e prolongar minha vida o quanto mais, porque a vida é bonita.” (Sr. A, 71 anos).

Como função identitária, essas marcas definem a identidade e permitem a proteção da especificidade dos grupos, salvaguardando a imagem positiva dos mesmos (Patriota, 2010).

Este fato mostra uma grande relação cultural em torno dessa questão, pois para estes idosos têm mais importância os valores pessoais, morais, comportamentais e cívicos do ser humano que se insere em um corpo. E é diante do espelho que eles fazem reflexões sobre si mesmos e encontram as respostas para sua condição física, sem medo de encará-la, buscando sempre o bem-estar no corpo em que se veem, o que é classificado por Goldfarb (1998) como o “velho remanescente” que é aquele que se refere às suas lembranças e a si mesmo com certo orgulho e felicidade, e tendo conseguido levar uma vida rica em prazeres, produtiva e apaixonada. São estes que envelhecem serenamente:

“Eu vejo rugas, decadência física e sinto que minha pessoa pode ser muito bela em termos de transmitir beleza pelo que é e não pelo físico [...].” (Sr.^a E, 64 anos).
“[...] Sinto-me otimista e feliz, estou satisfeita. Nunca vou me olhar no espelho e me queixar.” (Sr.^a T, 68 anos).

No entanto, existem pessoas que experimentam problemas na relação com o próprio corpo como transtornos de autoimagem e autoestima que podem ser provocados por problemas criados na vida dessas pessoas pelos mitos e exigências dessa cultura do corpo; por isso, sofrem com a falta de unidade e integração. Fernandes (2010) expõe que as marcas corporais produzidas pela ação do tempo podem ser atenuadas diante da expressão de uma competência comportamental que lhes

permita transitar como velhos, porém, com sua autonomia preservada e com maior aceitação social, o que se confirma na resposta de um dos entrevistados:

“Me olho e fico me analisando e percebo que meu corpo, meu semblante, meu ânimo, minha coragem e minha vontade, apesar da idade, ainda podem contribuir muito comigo e com a comunidade [...].” (Sr.V, 68 anos).

Pensar em maneiras de potencializar as qualidades do corpo idoso, favorecendo sua autonomia, é uma alternativa menos arrogante e autoritária do que transformá-los em outra coisa, que não sejam eles mesmos. Medrado (1996, como citado em Pizzolato, 2008) afirma que compreender a Representação Social da velhice é apreender as imagens e os significados atribuídos a essa etapa do desenvolvimento e às consequências dessas representações sobre a identidade dos idosos; enfim, é compreender seu espaço no meio em que estão inseridos.

Observam-se, em algumas falas dos idosos aqui entrevistados, a importância e os cuidados que eles dão à própria aparência quando se olham no espelho:

“Só não gosto de ver meu cabelo branco, pois reflete na minha autoestima; então, cuidado da minha aparência.” (Sr.^a M, 61 anos).

Incluem também suas limitações, como forma de transparecer sua autoestima e sua representação social e familiar, aceitando as mudanças físicas, buscando contorná-las. Segundo Goldfarb (1998), diante da perda de objetos significativos e do aumento das dificuldades da vida cotidiana, especialmente aquelas referidas às limitações físicas funcionais, os idosos experimentam um aumento da necessidade de bem-estar, o que pode ser observado através da recorrência de manifestações narcísicas:

“Se vejo que minha barriga está crescendo, procuro me cuidar na alimentação e fazer mais exercícios; afinal, ainda sou professor de Ed. Física e tenho que dar o exemplo.” (Sr. C, 60 anos).

Para muitos, estar velho é estar cansado, fora de moda, fora de forma, fora dos padrões que regem a atualidade. Portanto, envelhecer não deixa de ser uma arte nesta sociedade. Entretanto, todos envelhecem, não requerendo talento nem habilidade para isso. O importante é amadurecer, encontrando sempre a oportunidade na mudança. Para Spirduso (2005, como citado em Brito, 2010), a autoestima está baseada na combinação da competência física, consciência corporal, autoeficácia e autoaceitação:

“Eu me vejo como velha e sinto que tenho que cuidar mais da aparência para melhorar minha autoestima; sinto que preciso tirar um tempo para mim, [...]; preciso me valorizar e mostrar meu valor social. Hoje os idosos não são mais produtos descartáveis como eram uma vez; hoje somos mais ativos e participativos; aposentado não é morto.” (Sr.^a V, 66 anos).

Vejo que já passei dos 60 e agradeço a Deus. Sinto uma responsabilidade muito grande, meus netos estão aí e eu não posso abandonar minha vida, luto com afinco para vencer as barreiras, por eles. [...]. Faço valer a pena mesmo com minhas limitações, e procuro levar isso para minhas colegas de grupo como um incentivo de vida.” (Sr.^a N, 65 anos).

Dessa forma, não basta olhar os velhos em sociedade para descobrir-lhes as marcas cronológicas; é preciso um olhar que lhes descubra as propriedades, vale dizer, a alma (Gusmão, 2001). Refletir, portanto, sobre a ética corporal do idoso, é procurar uma maneira de trazer a tolerância e o respeito como princípios básicos de uma convivência social mais humana.

O corpo que se busca ter nos dias de hoje é como imagem de perfeição, incitando ao narcisismo, e submetendo-o como atrativo de consumo. O mito da eterna juventude, no limite, tende a produzir corpos sem história, dos quais se tenta apagar todas as marcas do passado ou impedir que elas apareçam. Segundo Alvarenga, 2008, uma série de estratégias, como cirurgias plásticas, fármacos, dentre outras tecnologias estão sendo colocadas em ação para não permitir que o processo do envelhecimento avance.

Vemos hoje a intensa busca pelo corpo perfeito, uma verdadeira “epidemia” social onde perpetua o ser belo. O culto ao corpo, principalmente com a preocupação de estar em forma e não envelhecer chega a ser uma verdadeira obsessão, gerando, de certa forma, uma tirania moderna (Palomino, 2002, como citado em Lüdorf, 2008).

A perspectiva de compreensão do corpo contemporâneo aponta como objetivo principal retomar as características físicas básicas do homem e da mulher, conforme os padrões ditados pela mídia, ou melhor, aceitos pela sociedade (Lüdorf, 2008). Assim, fomentada pela mídia que tem na publicidade sua grande aliada e disseminadora, a ideia de um corpo manipulável, sujeito a uma composição, ganha uma característica gloriosa.

Com isso, os entrevistados se colocam diante de uma questão que enfatiza a modernização de pensamentos e atitudes do ser humano em relação a seus corpos, através da pergunta: “O que você pensa sobre a tirania da sociedade moderna que cultua a perfeição e beleza dos corpos masculinos e femininos?”

Para os entrevistados, as modificações estéticas feitas no corpo, como cirurgias plásticas, ou qualquer outro tipo de intervenções, que tem o intuito puramente de vaidade e de evitar o envelhecimento são algo supérfluo, que descaracteriza e desvaloriza o ser humano, desviando-o de sua evolução espiritual, social, cultural e humana. De acordo com Blessmann (2004), o apelo à imagem nos afasta da compreensão da unidade do ser humano, equivalendo a pensar o corpo como objeto a ser moldado, como algo fora de si.

As perspectivas para o futuro apontam, de um lado, a valorização do jovem/juventude e a repulsa ao declínio do corpo e, de outro, a recusa da morte e o desejo de prolongar a vida (Prado, 2002). Entretanto, para os idosos aqui entrevistados a natureza do corpo deve ser mantida e aceita em qualquer idade, sem frustrações ou dependências de padrões de beleza para inserção na sociedade:

“Acho muito agressiva no consciente e inconsciente das pessoas, porque elas acabam moldando suas vidas em cima dessa “pseudotirania” que as cercam, e pensam que só assim se inserem na sociedade [...]. Tanto pode se sentir bem uma pessoa de corpo, cabelo, rosto e pele, bonitos, quanto uma pessoa baixa, gorda, enrugada, porque não?” (Sr. J, 61 anos).

“O modernismo e sua materialização estão muito estampados na mente das pessoas, onde o corpo tem que ser perfeito e isso não traz cultura nem sabedoria.” (Sr.^a M, 61 anos).

“[...] Não adianta ficar espichando pele daqui e dali, porque a velhice chega para todo mundo [...]. As marcas e expressões é uma evolução do tempo para cada ser humano.” (Sr.^a C, 67 anos).

Ser velho tornou-se uma condição a qual não se quer assumir. Ser jovem e manter-se jovem, esta, sim, é a condição proclamada pela sociedade (Wagner, 2009). Dessa forma, perde-se o reconhecimento de corpo no que diz respeito à sua capacidade própria, intelectual, criativa e social quando, diante da ditadura da imagem, parece tornar-se, cada vez mais, passível de manipulação, um corpo mecânico, desvalorizado em suas características sociais e humanas. Nesse sentido, para Goldenberg (2008), além de um capital físico, o corpo é um capital simbólico, um capital econômico e um capital social.

No entanto, a felicidade idealizada, pautada na busca da perfeição, transforma-se em fonte permanente de angústia, pois estabelece como referência modelos de corpos, comportamentos e ideias padronizadas, desvalorizando e desqualificando as relações humano-sociais, descartando as

questões morais que as envolvem, tais como o respeito, a tolerância, a troca e a diversidade, como afirma um de nossos entrevistados:

“Essa busca por esses valores superficiais estão se sobrepondo à busca de outros tantos mais ricos, éticos e morais.” (Sr. A, 71 anos).

E assim, se detendo somente na obsessão pelo corpo perfeito, vão ficando para trás as vivências importantes para a evolução do ser humano. De acordo com Iwanowicz (1989), produz-se uma imagem corporal imitando os outros, e não desenvolvendo a própria experiência:

“[...] As meninas que vivem em esteticistas e homens que vivem em academias com a única finalidade de se mostrar mais belos aos olhos dos outros, estão deixando pra trás os valores do amadurecimento pessoal.” (Sr.^a E, 80 anos).

“[...] É uma coisa muito supérflua e exagerada se preocupar com imperfeições corporais [...]. Conheço mulheres que só se preocupam com a estética e não são felizes com a família; já ouvi homem se queixando de sua mulher por isso. [...] Pensar só no corpo leva ao vazio da pessoa.” (Sr.^a M, 61 anos).

De acordo com os idosos, esse culto à perfeição e beleza do exterior não leva a nada e gera valores falsos; é apenas uma jogada da mídia para vender produtos e imagens, e quem a segue acaba mostrando o caos pessoal e social em que se encontra hoje. Dessa forma, a dimensão do corpo contemporâneo, denominada de *corpo design*, retrata a transformação do corpo em relação à moda imposta pela mídia e seguida pela sociedade (Lüdorf, 2004, como citado em Lüdorf, 2008):

“Essa apelação pelo corpo perfeito é uma imagem vendida pela mídia, isso leva as pessoas para caminhos que vão contra a evolução do ser humano. Não existe um padrão de corpo; todos são perfeitos quando dado a ele o devido valor.” (Sr. C, 60 anos).

“A mídia leva só ao consumo, por conveniência para vender; ela manuseia as pessoas como quer; e isso gera muitos riscos para aqueles que não sabem se controlar.” (Sr.^a V, 66 anos).

Nossos idosos destacam, também, que cada pessoa tem seu valor e ele se encontra em gestos de caridade, generosidade, bondade, entre outros, e que esses valores se encontram por dentro, no coração e na mente e, quando se aprende a gastar seu tempo de vida para formá-los, e colocá-los em prática, todo o ser humano fica mais bonito e conseqüentemente mais feliz:

“A meu ver, o que atrai mais em uma pessoa, o que a deixa mais bonita, é o ato da caridade, a simpatia, o coração, é ajudar o próximo. Ela pode fazer um nariz bonito, mas se tem coisas ruins no coração, ela não é saudável e nem feliz.” (Sr.^a T, 68 anos).

“A pessoa pode estar em forma fisicamente, bem arrumada e por dentro ninguém vê o que tem de bom se ela não se preocupar em mostrar e agir com seus sentimentos.” (Sr. A, 71 anos).

Alguns idosos não têm nada contra as intervenções e dedicações ao corpo; para eles se a pessoa vai se gostar mais fazendo isso, então, não há problema. Também disseram que concordam com as pessoas quererem cuidar de seus corpos para ficarem mais bonitas, mas apenas se for de uma forma saudável, sem passar dos limites, sem perder sua essência e não se tornarem escravas de padrões estéticos que podem levar a doenças físicas e psicológicas, conforme afirma uma das entrevistadas:

“É importante que a pessoa se cuide fisicamente, mas o exagero e a obsessão prejudicam a própria saúde, causando problemas físicos e transtornos emocionais [...]”. (Sr.^a V, 66 anos).

Todo esse interesse pelo corpo perfeito e inatingível, que homens e mulheres buscam, pode deixar de ser um interesse normal, para tornar-se um quadro patológico, capaz de assolar uma vida inteira (Ferreira *et al.*, 2008). Contudo, um ponto de vista considera que os limites do corpo devem ser respeitados, entendendo que investimentos na preservação da vida de forma mais sintonizada com a natureza possibilitarão realizações para a humanidade (Prado, 2002), o que não deixa de ser também apontado pelos sujeitos desta pesquisa:

“O culto da beleza é um sacrifício do corpo, podendo até levar à doença, [...]. se cuidar para ser saudável e prevenir patologias, tudo bem. Acho que o culto à perfeição do corpo leva ao sofrimento do ser, descaracteriza os valores dos homens e mulheres perante a sociedade.” (Sr. E, 60 anos).

“[...] As pessoas têm que se cuidar, sim, mas não se escravizar, essa tirania impõe valores falsos. Todos devem aprender a aceitar e lidar com seu próprio corpo e não se prejudicar, achando que estão agradando.” (Sr.^a N, 62 anos).

Dentro desta lógica de representação de corpo envolvendo o envelhecimento, buscou-se questionar os idosos sobre uma visão de gênero, quando feita a seguinte pergunta: “Percebe

diferença no gênero oposto em relação ao comportamento, pensamento e vivência com o corpo envelhecido? Por quê?”.

Conforme Scott (1995), o termo “gênero” indica “construções culturais”, a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. Para Patriota (2010), toda a representação é construída na relação do sujeito com o objeto representado; não é mero reflexo do mundo externo na mente; ela vai além do trabalho individual do psiquismo; emerge como um fenômeno colocado ao social.

Portanto, evidencia-se que meninos e meninas crescem, comportando-se de acordo com os padrões socioculturais e históricos do meio onde são educados (Ferreira *et al.*, 2008). Com isso, tem-se claro que a relação de gênero é bastante acentuada culturalmente, em que homens e mulheres exercem papéis distintos e bem marcados, perante as construções impostas e mediadas pela sociedade.

Ao analisar os discursos, verificou-se que todos os entrevistados responderam que há diferenças entre o homem e a mulher na velhice:

“[...] A mulher se prepara melhor, se previne o homem não aceita as perdas físicas e não se prepara para isso [...]” (Sr.^a E, 80 anos).

A imagem corporal da velhice é representada pelo declínio físico e visível, e a dificuldade em aceitar este fato induz à existência de um eu visível, que envelhece, e um eu invisível, que se mantém jovem (Blessmann, 2004), como salienta uma das respostas:

“[...] Ele é sempre jovem, dificilmente se ouve um homem falar: “Ai, como estou ficando velho” ou “como minhas expressões faciais e meu porte físico mudaram”; já a mulher se vê e aceita”. (Sr.^a E, 80 anos).

Entre as diferenças apontadas, destaca-se uma melhor aceitação da velhice pela mulher; a sua constante busca por novos valores; e a maior dedicação dela em cuidar do corpo, da aparência, da saúde, do convívio, da alimentação e do bem-estar, por ser de natureza mais vaidosa do que o homem; também, porque pensa e se prepara melhor para viver essa fase da vida e por carregar um intenso valor cultural e sentimental. A esse respeito, a resposta de um dos entrevistados:

“[...] A carga cultural traz mais valores para as mulheres, o que as levam a se cuidarem mais que os homens. Eles bebem mais, fumam; elas buscam os prazeres da vida; eles não dão valor a isso, eles se isolam entre eles e ignoram muita coisa”. (Sr. A, 71 anos).

As mulheres consideram essa idade como aquela em que a experiência é seu atributo principal ou aquela que oferece uma oportunidade para elas desfrutarem esse tempo de vida, de forma liberta e mais positiva, pois já venceram o processo de subordinação (Fernandes, 2010).

Enquanto o homem, via de regra, se acomoda, se desleixa, se desestimula, se isola, não aceita mudanças, se torna relapso e despreocupado, por perder a convivência social e a condição de trabalhador ao se aposentar, achando que não tem mais utilidade por estar envelhecendo, e por isso, está sempre buscando algo para fazer, assim, não se detém a fim de pensar e sentir a velhice e suas marcas. Segundo Fernandes (2010), para os homens, a velhice está ligada à aposentadoria, que, na verdade, os desvincula do exercício de seu papel social no sistema produtivo e os liga à doença.

A ideia de que a beleza está para o feminino, assim como a força está para o masculino, atravessa os séculos e as culturas (Ferreira *et al.*, (2008):

“[...] A mulher se gosta mais, aceita as modificações do corpo, ela por natureza é mais vaidosa, cuida mais da aparência do que o homem [...]” (Sr. E, 60 anos).

“[...] A mulher cuida mais da saúde já os homens querem distância de médicos porque tem medo ou pensam que doença é coisa de velho e quando aparece alguma doença eles se entregam mais fácil que à mulher e entram em depressão logo.” (Sr.^a M, 61 anos).

“Gostaria que meu marido participasse do grupo de terceira idade, mas ele não vai porque não quer deixar de trabalhar em casa; ele se sente mais útil assim. [...], porém, os homens deveriam achar tempo para si, pois também envelhecem como as mulheres.” (Sr.^a V, 66 anos).

Entretanto, alguns colocam que há exceções e que já se vê por aí homens velhos se cuidando mais, embora a maioria fique só na questão da aparência com a intenção de aparentarem serem mais novos do que são, tentando, com isso, negar a sua velhice. Outros só reagem por muita insistência de suas esposas. Le Breton (2001, como citado em Lüdorf, 2008), aponta que modificações vêm ocorrendo nos tradicionais padrões masculinos e femininos, seja na família, no trabalho ou em relação ao próprio corpo:

“[...] Até tem homens que são vaidosos, meu marido, por exemplo, pinta os cabelos e bigode porque quer esconder a velhice e parecer mais novo.” (Sr.^a N, 65 anos).

“[...] Os homens são mais acomodados, mas tem alguns que até são vaidosos. Meu marido para ir até a esquina se troca de roupa, calçado, passa perfume.” (Sr.^a M, 61 anos).

“A mulher se cuida mais; o homem é mais desleixado; se não tem uma mulher cobrando do lado a gente nem liga para a aparência e nem pra nada [...]” (Sr. A, 71 anos).

Outra diferença relatada pelas mulheres em relação aos homens é o lado sexual e a excessiva preocupação deles com a perda da virilidade associada à velhice, além da grande dificuldade que eles têm de admitir que limitações vão surgindo em seu corpo, e quanto a esse aspecto também:

“O homem tem muita preocupação com a virilidade na velhice, [...]; quando conversam sobre isso entre eles, são sempre os bons, um se acha melhor que o outro. Eles não admitem que dificuldades com o sexo acontecem, e isso os afeta muito.” (Sr.^a E, 64 anos).

De acordo com Tavares *et al.*, (2011), as alterações nos níveis físicos, biológico, psicológico e sociocultural são determinantes no comportamento da sexualidade de homens e mulheres. Entretanto, para o homem, essa preocupação com a sexualidade está totalmente ligada aos estereótipos masculinos construídos pela sociedade, o que é afirmado por Teixeira (2000): “A cultura se encarregou de difundir que o homem tem que ser forte, tem que ter sucesso, precisa ser corajoso e associou a masculinidade à potência sexual”.

Contudo, para as idosas, se eles conversassem abertamente sobre sexo com elas, entenderiam que elas também têm perdas, e assim, poderiam buscar soluções juntos:

“[...] Em relação ao sexo, o homem é muito orgulhoso; a mulher aceita que está diminuindo a libido; ele não; mas não entende que uma boa conversa resolveria muita coisa [...]” (Sr.^a T, 68 anos).

“[...] No lado sexual, eles querem estar sempre como quando eram novos, só que eles deveriam aceitar que certos problemas acontecem e que a mulher também muda, então, não têm por que se preocupar tanto [...]” (Sr.^a M, 61 anos).

Fatores demográficos, de saúde e funcionalidade física fazem a diferença no processo de envelhecimento de homens e mulheres. Papéis sociais, valores e atitudes, considerados tipicamente masculinos ou femininos, se transformam em algo radicalmente diferente entre os gêneros. Segundo

Chodorow (como citado em Scott, 1995): “O sentido feminino do eu é fundamentalmente ligado ao mundo; o sentido masculino do eu é fundamentalmente separado”.

Observa-se, então, que gênero não representa somente uma diferença de sexo, mas também a diferença de pensamentos, representações, atitudes, vivências, organização em sociedade, em família e em vida pessoal, entre muitas outras questões que regem os seres humanos. Para Patriota (2010), a função justificadora permite as justificativas das tomadas de posição e dos comportamentos por parte dos sujeitos, assim como a manutenção ou reforço dos comportamentos de diferenciação social assumidos pelos grupos sociais ou pelos indivíduos.

Conclusão

Temos a visível noção de que o corpo é socialmente e culturalmente constituído. Com isso, ao analisar a representação social do corpo, conclui-se que há várias estruturas sociais, em que cada uma atribui ao corpo humano um sentido particular e este pode não ser o mesmo para as diferentes sociedades que carregam culturas diferentes.

Cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos, que estão na base da vida social, construindo, assim, visões e vivências positivas ou negativas. O que é muito bem representado, nesta pesquisa, pelos idosos entrevistados, que prezam muito mais pelo bom convívio entre as pessoas, os valores morais e os bons costumes, vindos de uma cultura que respeita esses valores, trazendo consigo o conhecimento da vida, muito além de um corpo inerte ao capitalismo social e o culto à juventude eterna e à beleza. Apresentam, assim, uma vivência positiva de seus corpos na velhice.

Contudo, observou-se que os idosos apontaram que há diferenças de gênero em relação a suas vivências na velhice. Essas oposições de perfis se dão em relação a comportamentos sociais, pessoais, psicológicos, entre outras, mas a maior ênfase se dá na questão do comportamento do corpo perante o curso de vida, tendo em vista suas atitudes e representações, principalmente no processo de envelhecimento.

No contexto de velhice e corpo, as mulheres destacam fatores como: liberdade, boas relações em grupo, cuidado com a saúde, bem-estar, entre outros. Já para os homens, os fatores que os regem são: manter-se sexualmente ativo e produtivo, física, mental e socialmente. As mulheres continuam mais expressivas e envolvidas do que os homens, por causa de fatores sociais e aprendizagem social.

Ao analisar o conjunto das outras respostas, porém, observa-se que as representações não diferem entre os gêneros, que apresentam pensamentos, comentários, visões e sentimentos em comum. Isso pode ser esclarecido pelo fato de terem feito parte de um mesmo convívio social como educadores e, portanto, expressarem o mesmo consenso, ou por se tratar de uma forte influência cultural que dita padrões de comportamento masculino e feminino desde criança, que os fazem ter uma visão diferenciada de gênero.

Destaca-se, assim, que se deve refletir sobre esse enfoque dado ao comportamento de gênero no envelhecimento em relação ao corpo, sociedade e cultura, pois a população de idosos está se tornando cada vez mais crescente e vem ganhando destaque nas diversas áreas do conhecimento.

Assim, corpo e tempo se entrecruzam produzindo múltiplas velhices influenciadas não só pela condição de gênero, mas também, pelos contextos sociais, culturais, espirituais, políticos e econômicos.

Portanto, buscar a responsabilidade individual, cultural, social e política, conhecendo, compreendendo e respeitando a condição corporal suas possibilidades e limites, talvez seja uma forma de valorizar a vida humana em suas diferentes faixas etárias.

Referências

- Alvarenga, L.F.C. (2008). “Flores de plástico não morrem...”: corpo, saúde, gênero e envelhecimento. *Fazendo Gênero 8, Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis (SC). Recuperado em 14 abril, 2010, de: http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST59/Luiz_Fernando_Calage_Alvarenga_59.pdf.
- Araújo, M.C. de. (2008, jul.-dez.). A teoria das representações sociais e a pesquisa antropológica. São Paulo (SP): *Revista Hospitalidade*, 2, 98-119. (ano V). Recuperado em 20 dezembro, 2012, de: rbitur.org.br/ojs/index.php/hospitalidade/article/download/155/180.
- Arruda, A. (2002). Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Caderno de Pesquisa n.º 117*. São Paulo (SP). Recuperado em 20 dezembro, 2012, de: <http://www.scielo.br>.
- Bardin, L. (1997). *Análise de conteúdo*. Lisboa (Portugal): Edições 70.
- Barros, M.M.L.de. (2006). Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 52, 109-132. Recuperado em 17 maio, 2013, de: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n52/n52a06.pdf>.
- Blessmann, E.J. (2004). Corporeidade e Envelhecimento: O Significado do Corpo na Velhice. Porto Alegre (RS): *Revista Envelhecer*, 6, 21-39. Recuperado em 13 maio, 2010, de: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/viewFile/4737/2661>.
- Bruhns, H.T. (Org.). (1989). *Conversando sobre o corpo*. (3ª ed.). Campinas (SP): Papirus.
- Brito, B.K.R. (2010, fev.). Construção da consciência corporal na terceira idade. Buenos Aires (Argentina): *Revista Digital*, 14(141). Recuperado em 16 maio, 2012, de: <http://www.efdeports.com>.

- Coutinho, R.X. & Acosta, M.A.de F. (2009, jul.-ag.). Ambientes Masculinos da Terceira Idade. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, 14(4), 1111-1118.
- Delgado, J. (2010, jul.-dez.). Velhice, corpo e narrativa. Porto Alegre (RS): *Revista Horizontes Antropológicos*, 16(34). Recuperado em 20 dezembro, 2012, de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832010000200009&script=sci_arttext.
- Fernandes, M.das G.M. (2010). O Sentido da Velhice para Homens e Mulheres Idosos. São Paulo (SP): *Revista Saúde Sociedade*, 19(4), 771-783.
- Ferreira, M.E.C., Baumel, R.C.R. & Gomes, G. (2008). A busca frenética pelo corpo “ideal”. In: Romero, E. & Pereira, E.G.B. *Universo do Corpo: Masculinidade e Feminilidade*. Rio de Janeiro (RJ): Shape.
- Goldani, A.M. (1999). Mulheres e envelhecimento: desafios para novos contratos intergeracionais e de gênero. In: Camarano, A.M. (Org.). *Muito Além dos Sessenta. Os Novos Idosos Brasileiros*. Rio de Janeiro (RJ): Instituto de Pesquisa Ampliada.
- Goldenberg, M. (2008). *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro (RJ): Record.
- Goldfarb, D.C. (1998). *Corpo, Tempo e Envelhecimento*. Dissertação de mestrado. Programa de Psicologia/PUC-SP.
- Gusmão, N.M.M.de. (2001). A maturidade e a velhice: um olhar antropológico. In: Neri, A.L. *Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas (SP): Papirus.
- Iwanowicz, B. (1989). *Conversando sobre o corpo*. (3ª ed.). Campinas (SP): Papirus.
- Kopes, S. (1989). *Conversando sobre o corpo*. (3ª ed.). Campinas (SP): Papirus.
- Limoeiro, B.C. (2012, dez.). O corpo em foco: Envelhecimento e Diferença de Gênero na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Todavia*, 5. (Ano 3). Recuperado em 01 maio, 2013, de: http://www.ufrgs.br/revistatodavia/4%C2%AA_5%C2%AA%20Ed/5_Edicao%20-%20Resumo%20Art%205.html.
- Louro, G.L. (1987). *Prendas e Antiprendas*. Porto Alegre (RS): Editora da Universidade, UFRGS.
- Ludörf, S.M.A. (2008). Refletindo sobre o corpo *design* e a formação de professores de Educação Física: por uma educação sociocorporal. In: Romero, E. & Pereira, E.G.B. *Universo do Corpo: Masculinidade e Feminilidade*. Rio de Janeiro (RJ): Shape.
- Lima, M.A.V.P. (s/d.). Corporeidade e Envelhecimento: As diversas faces do corpo quando envelhece. Recuperado em 13 maio, 2010, de: http://www.univag.com.br/adm_univag/Modulos/Connectionline/Downloads/art046.pdf.
- Motta, A.B.da. (2002). Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: Minayo, M.C.de S. (Org.). *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro (RJ): FIOCRUZ.
- Motta, A.B. da. (1999). As Dimensões de Gênero e Classe Social na Análise do Envelhecimento. *Cadernos Pagu*, 13: 191-221. Recuperado em 14 abril, 2010, de: <http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/cad13/n13a07.pdf>.
- Patriota, M. (2010, jan.). Teoria das Representações Sociais: Contribuição para a apreensão da realidade. Recuperado em 16 maio, 2012, de: http://www.ssrevista.uel.br/c-v10n1_lucia.htm.
- Pizzolato, A.C., França, D.O., Salszbrun, J. & Ganassoli, R. (2008). Representação Social do Processo de Envelhecer: Uma visão dos acadêmicos de enfermagem. Recuperado em 16 maio, 2012, de: <http://www.abennacional.org.br/2SITE/Arquivos/N.107.pdf>.

Prado, S.D. (2002). O Curso da Vida, o Envelhecimento Humano e o Futuro. Rio de Janeiro (RJ): *Textos Envelhecimento*, 4(8). Recuperado em 17 abril, 2010, de: http://www.unati.uerj.br/tse/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282002000200006&lng=pt&nrm=iso.

Scott, J. (1995). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, 20(2). UFRGS.

Spirduso, W.W. (2005). *Dimensões físicas do envelhecimento*. Barueri (SP): Manole.

Tavares, M.M.S. & Carvalho, V.S. (2011). Estudo Bibliográfico Sobre a Sexualidade do Idoso na Contemporaneidade. Recuperado em 02 de fevereiro, 2013, de: <http://artigos.psicologado.com>.

Teixeira, F. & Melro, L. (2000). Sexualidade: A arte de saber vivê-la. *Revista Partes*, 6 (Ano I). Recuperado em 02 fevereiro, 2013, de: http://www.partes.com.br/terceira_idade06.html.

Triviños, A.N.S. (1987). *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo (SP): Atlas.

Valério, M.P. (2001). A pouca adesão masculina nos grupos de atividade física para a terceira idade. Dissertação de mestrado. Santa Maria (RS): Universidade Federal de Santa Maria.

Veloz, M.C.T., Schulze C.M.N. & Camargo, B.V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. Porto Alegre (RS): *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(2). Recuperado em 20 dezembro, 2012, de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102797-21999000200015&script=sci_arttext.

Wagner, R.I. (2009). A Terceira Idade e Idosos na Cultura Pós-Moderna. Guaíba (RS): ULBRA. Recuperado em 03 junho, 2010, de: <http://guaiba.ulbra.tche.br/pesquisas/2009/artigos/pedagogia/seminario/543.pdf>.

Recebido em 18/11/2013

Aceito em 28/12/2013

Renato Xavier Coutinho – Doutor em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor de Educação Física do Instituto Federal Farroupilha, Campus São Vicente do Sul (SVS).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4542170364363130>

E-mail: renatocoutinho@msn.com

Renata Venturini Tomazeti - Universidade Federal de Santa Maria. Graduada em Educação Física, Especialista em Atividade Física, Desempenho Motor e Saúde.

E-mail: renatinhvt@gmail.com.

Marco Aurelio de Figueiredo Acosta – Graduado em Educação Física, Doutor em Ciência do Movimento Humano, Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria (RS), Brasil.

E-mail: marco.acosta@bol.com.br